

“Nossa língua é a nossa pátria”: a construção dos sujeitos cigano-rom-kalderash através das estórias de viagens

Ana Paula Casagrande Cichowicz¹

Resumen:

Em um trabalho etnográfico realizado junto com ciganos nômades “rom-kalderash” no Brasil, cujo foco principal estava em apreender as narrativas orais contadas por eles sobre eles mesmos – a despeito da visão estigmatizada exposta através do imaginário social ocidental – bem como em pensar a importância destas para o modo como estes sujeitos se constroem como sujeitos-rom e como grupo, observou-se que as categorias “espaço” e “território” são de suma importância para tal compreensão. Ou seja, tornou-se fundamental discutir acerca do modo como os kalderash interagem nos limites territoriais de um Estado-nação (Brasil) do qual não se consideram parte, destacando a importância dos “relatos” a respeito de suas andanças para o modo que se instituem como “ser-no-mundo”. Deste modo, a proposta desta comunicação está em destacar a importância das “estórias de viagens kalderash” – numa relação entre língua e espaço, de transformação de “espaço geográfico” em “espaço antropológico” – para o modo como os ciganos através das estórias de lembranças de viagens outrora realizadas, memoriadas e re-experenciadas no presente através da fala, se apreendem como grupo “despatriado” – no que concerne a figura do Estado-nação – construindo-se então enquanto uma “comunidade imaginada” formada por sujeitos-rom, vistos aqui como sujeitos fantásticos.

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Currículo Lattes - <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4400292U0>

¹-Pinóquio e Stromboli são personagens da obra *As Aventuras de Pinóquio* composta por Carlo Collodi.

“Nossa língua é a nossa pátria”: a construção dos sujeitos cigano-rom-kalderash através das estórias de viagens

Desde pequena ouvi falar sobre os ciganos... Ora eram descritos como descendentes de Adão com outra mulher que não Eva... Ora como aqueles que forjaram os pregos que foram utilizados na crucificação de Jesus... Ora como seres mágicos e sobre-humanos. Enfim, juntamente com seres lendários como o saci-pererê, o lobisomem, o chupa-cabra, a mula-sem-cabeça, os vampiros e os extraterrestres; os ciganos faziam parte do meu imaginário infantil. “Não fique na rua até tarde menina, cuidado que os ciganos te levam embora”... era um conselho dado pelos mais velhos e seguido à risca, afinal - pensava com meus botões – não fora o Pinóquio seqüestrado por um cigano malvado chamado Stromboli²?!

Vira e mexe armavam-se grandes tendas em terrenos baldios na cidade em que morava, via o circular de mulheres ornamentadas pelas praças - lonas e sujeitos que num piscar de olhos desapareciam feito fumaça. De fato, além das precauções como a citada acima e de outras que recomendavam não me deixar seduzir pelas “leitoras da sorte” e pelos “vendedores de bugigangas”; as noções que mais me marcaram do que seria um “ser-cigano” adveio de obras de arte literárias. Digo noções no plural porque – além das características aludidas serem múltiplas – apresentavam dois “tipos-ideais” destes sujeitos.

O primeiro, de caráter fundamentalmente negativo, figura os ciganos como “imundos”, “ladrões”, “gatunos”, “malvados”, “aproveitadores”, “selvagens”, “marginais”, “vulgares”. Na obra *Tocaia Grande* composta por Jorge Amado, por exemplo, aparece que

o que se dizia na costa e no sertão, todos sabem: cigano é outra nação, duvidosa [...] Nação à parte, casta de bruxos e gatunos, os ciganos vivem de enganos e embustes, de trapaças. Levados pelas aparências há quem diga e até escreva que os ciganos são o resto da corte real da Babilônia. [...] Um povo sem chão, onde já se viu ninguém pode confiar (AMADO, 1985: 24, 25).

Seguindo por esta mesma configuração de estereótipos, nos entremeios da obra de Manoel Antônio de Almeida – *Memórias de um sargento de Milícias* – nos é contado que

Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil a praga dos ciganos. Gente ociosa e de poucos escrúpulos, ganharam eles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos: ninguém que tivesse juízo se metia com eles em negócios, porque tinha certeza de levar carolo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se fala, deixaram-na da outra banda do oceano; para cá só trouxeram maus hábitos, esperteza e velhacaria [...]. Viviam em quase completa ociosidade; não tinham noite sem festa (ALMEIDA, 1998: 29-30).

O segundo “tipo-ideal”, por sua vez, apesar de ainda conservar alguns dos estereótipos citados acima - bem como de não sair da esfera da negatividade - diz respeito a uma figura mais exotizada dos ciganos; moldando-os como seres “festeiros”, “alegres”, “musicais”, “dançantes”, “sobrenaturais”, “mágicos”, envoltos por uma áurea colorida e cheia de mistérios. Aqui as mulheres aparecem como portadoras de uma beleza arrebatadora e exótica. Afinal, como eram mesmo os olhos de Capitu³?! Sim! Claro... “de cigana obliqua e dissimulada” (ASSIS, 1959: 109). E quanto à Cigana Esmeralda⁴ da obra de Victor Hugo? Lembro-me bem... Esta, devido a sua beleza “transcendental”, conquistou dois homens que por sua causa entraram em guerra.

Outro exemplo deste modo de representação encontra-se na obra *Cem Anos de Solidão* composta por Gabriel Garcia Marquez. Através desta narrativa somos levados até a cidade de Macondo, vendo-nos por ora em meio aos ciganos da tribo de Melquiádes, que chegavam à cidade cheio de cores e de novidades. É claro que aqui a representação dos ciganos tem um lugar distinto, já que eles se tornam seres maravilhosos, parte fundamental do realismo mágico que permeia a representação do real de Garcia Márquez.

Eram ciganos novos. Homens e mulheres jovens que só conheciam a sua própria língua, exemplares formosos de pele oleosa e mãos inteligentes, cujas danças e músicas semearam nas ruas um pânico de alvoroçada alegria, com suas araras pintadas de todas as cores que recitavam romances italianas, e a galinha que punha uma centena de ovos de ouro ao som do pandeiro, e o macaco amestrado que adivinhava o pensamento, e a máquina múltipla que servia ao mesmo tempo para pregar botões e baixar a febre, e o aparelho para esquecer as más recordações, e o emplasto para perder o tempo, e mil outras invenções tão engenhosas e insólitas, que José Arcádio Buendía gostaria de inventar a máquina de memória para poder se lembrar de todas. Num instante transformaram a aldeia (MARQUEZ, 2003:20, 21).

Além destas obras citadas, lembro-me ainda de me deparar com a figura dos ciganos nas obras *Morte e Vida Severina* e *Educação pela Pedra*, ambas escritas por João Cabral de Melo Neto; na obra *Orlando* de Virginia Woolf; bem como em alguns contos presentes na obra *Tutaméia – Terceiras histórias* de Guimarães Rosa. Em suma, as narrativas literárias promulgam através de sua escrita um “saber” ocidental sobre o povo “cigano” de forma semelhante, poderíamos dizer, à construção do Oriente por parte do Ocidente conforme nos demonstra Said (1990).

Entretanto, o que é ser cigano? Ser cigano condiz com as representações narradas por

³ - Personagem da obra *Dom Casmurro* composta por Machado de Assis.

⁴ - Personagem da obra *O corcunda de Notre-Dame* composta por Victor Hugo.

estes artistas, que através da “bricolagem”⁵ criam/reafirmam fragmentos do imaginário produzidos no contexto sócio-cultural do Ocidente?

Dada estas questões, em janeiro de 2010 parti para a cidade de Santa Sara⁶ a fim de realizar meu campo com um grupo cigano “rom kalderash”⁷ que desde a década de 70 se estabelecera em tal cidade. Se muito do que sabia até então sobre os ciganos dizia respeito à imagem exposta nas obras literárias, naquele momento eu queria ouvir o que os *rom* tinham a dizer sobre si mesmos. Depararia-me em campo com estórias⁸ das quais os *kalderash* seriam personagens? Qual seria o contexto no qual estas seriam contadas? Estas estórias seriam importantes para o modo como os ciganos se constroem como “sujeito-rom”? Engendrariam, quem sabe, uma espécie de terceiro tipo-ideal, isto é, um imaginário deles sobre eles mesmos? Muitas eram as questões que levava comigo na bagagem, e sabia que só em campo, convivendo com os *rom* na realidade que lhes é própria, é que tais questões, longe de serem resolvidas, poderiam ao menos serem pensadas.

Antes de pegar carona com a *Kumpania* daqueles *kalderash*, sabia – pelo o que me indicava a bibliografia – que os *rom* possuíam um idioma próprio, o *romanes*; bem como que este idioma fundamentalmente oral constituir-se-ia enquanto uma das maiores “heranças” do povo *romani*, fonte de sua memória e instrumento de coesão identitária (FONSECA, 1996; SORIA, 2008, SANCHEZ SILVA, 2006; FAZITO, 2000).

Contudo, a valorização do uso da oralidade por parte daquele povo, bem como a existência de “temas narrativos”; e ainda, a importância destes na construção do imaginário que os *rom* faziam de si era apenas uma ideia, algo que eu supunha encontrar quando já estivesse inserida entre aos *kalderash*.

Chegando a campo, de fato me deparei com sujeitos que vivenciavam a experiência da fala de forma profunda. Mas a existência de uma “temática” narrativa que repercutisse no engendramento que aqueles *rom* fazem de si enquanto sujeito *kalderash* só fora por mim compreendida enquanto tal após algumas semanas estando inserida no grupo. Sim, lá estavam elas: as “estória de viagens”.

Antes de refletir sobre este respeito, entretanto, tornou-se fundamental atentar para o modo como os *rom* experienciam o “espaço”. Primeiramente tem-se que assim como uma busca por uma “origem” comum, um lugar de onde possa ter partido a série de diásporas do seu povo como um todo não parece preocupá-los, não se constituindo deste modo num elemento significativo na delimitação de suas “fronteiras”; o fato de que grande parte destes sujeitos tenham nascido dentro das linhas imaginárias que desenham as curvas deste país a que chamamos de Brasil, não faz com que os *kalderash* se considerem “brasileiros”, “paulistas” ou “mineiros” – ou mesmo que considerem o Brasil como uma segunda pátria. Ou seja, os *romani* instauram um território comum a partir de uma identidade dividida, território este que delimita as fronteiras do grupo e que assegura sua unidade. Deste modo, o que importa é nascer *rom*, e não “onde” se nasce.

Estes “viajantes” (INGOLD, 2001) começaram suas andanças não se sabe quando e

5- Roberto da Matta (1973) discorre acerca do conceito de “bricoleur” cunhado por Lévi-Strauss, sublinhando o fato de que a “bricolage” age como mecanismo não apenas do “pensamento selvagem”, mas, igualmente, na produção intelectual dos artistas.

⁶- Optei por utilizar de um nome fictício na denominação da cidade a fim de preservar o anonimato dos sujeitos desta pesquisa.

⁷- “Rom” é modo como eles se autodenominam. “Kalderash”, por sua vez, é um subgrupo *rom*. Esta questão será desenvolvida posteriormente.

⁸- Utilizarei do termo “estória” em contraposição à “história” levando em consideração a apreensão de Cardoso (2007; 2009) de que o vocábulo “estória” por reportar-se diretamente a “fabulas”, “contos” e “narrativas”, faz-nos pensar nestas “como sendo sempre um tipo de ficção — não implicando uma falsidade, mas sim marcando a criatividade implícita no contar, e a sempre presente tensão entre o ‘real’ e o ‘imaginário’, ambas indissoluvelmente ligadas ao processo narrativo” (CARDOSO, 2007, p. 340).

que não têm um destino final, ou seja, não apenas estão em constante movimento, mas se constituem eles próprios enquanto movimento. Acabam, deste modo, por inscrever por sobre a superfície do globo um emaranhado de linhas, isto é, “trilhas” que estão continuamente sendo tramadas. Este jogo de passos que moldam espaços não podem ser contados – como nos afirma Certeau – porque cada uma de suas unidades é algo qualitativo (1994:176). Todavia, se não podem ser *contados* em números, podem ser *contados* através dos relatos das viagens.

Caminhando perpetuamente por sobre um território “estrangeiro”, os *kalderash* acabam por desterritorializa-lo, sendo que a língua na sua forma oral aparece como um elemento fundamental na prática de reterritorialização (DELEUZE; GUATARRI, 1997).

Assim sendo, os *rom* agem numa permanente transformação de “espaços geográficos” em “espaços antropológicos” através dos relatos que podem ser apreendidos como sendo seu transporte coletivo – *methaporai* -, produzindo, desta maneira, “geografia de ações” que não apenas deslocam e transpõem para o campo da linguagem as práticas do espaço; mas de fato organizam suas caminhadas. Nas palavras de Certeau: “Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam” (CERTEAU, 1994:200). Em suma, os relatos que contam sobre as viagens que fazem acabam por tornar o espaço habitável, abrindo um “teatro de legitimidade a ações efetivas” (CERTEAU, 1994:210).

Todavia, se no decorrer do dia-a-dia os relatos de acontecimentos vividos nas viagens constituem-se como um elemento importante a se considerar no modo como os *rom* experienciam e praticam o espaço, as histórias de viagens aparecem como basais no modo como os *kalderash* apreendem-se como sujeito *rom*. Como dito anteriormente, a existência de uma temática narrativa que contribuísse para tal era uma hipótese lançada ainda na elaboração do meu projeto de pesquisa, ancorada nas leituras que tinha realizado acerca do assunto em questão. Entretanto, se o resultado do trabalho feito em campo estivesse circunscrito apenas à confirmação de tal suposição a experiência de ter vivido meio aqueles sujeitos não se mostraria tão enriquecedora quanto realmente fora.

Dada a representação do imaginário social ocidental do que seria um “cigano”, enxergando-os ora como “Strombolis”, ora como “Melquíades”, supunha que a despeito dos estereótipos o imaginário dos *rom* a respeito deles mesmos engendraria uma representação diferenciada. As “histórias de viagens”, todavia, me fizeram compreender que a imagem que os *rom* tem acerca de si corrobora com um dos tipos-ideais discorridos acima, qual seja, aquele que os enxerga como “Melquíades”.

Os “Strombolis”, do mesmo modo, não desaparecem do imaginário *romani*; tais sujeitos não atribuem a si mesmo as qualificações referentes ao segundo *tipo-ideal*, mas repassam-nas aos “Cálon⁹”. Se quando eu era pequena ouvia os mais velhos bradarem: “não fique até tarde na rua menina, cuidado que os ciganos te levam embora!”, junto aos *rom* o que eu escutava era: “chinorré [criança], não faz isso, olha que o Calón de pega!”.

Voltando aos *rom* enquanto “Melquíades”, do mesmo modo que os nordestinos fazem a respeito do cordel, os *kalderash* nas “estórias de viagem” fazem “uma re-elaboração de sua própria imagem a partir mesmo da imagem produzida sobre sua própria imagem construída” (GONÇALVES, 2009).

Vejam os alguns exemplos de narrativas:

⁹ - A apreensão do senso comum costuma englobar “rons” e “calons” sobre a mesma alcunha de ciganos. Os estudos sobre os ciganos, por sua vez, falam dos primeiros como sendo os de origem Ibérica, que chegaram ao Brasil por volta dos século XVI; e dos segundos como provenientes do Leste Europeu, cuja chegada data do século XIX. Os *Calón* e os *Rom* distanciam-se fundamentalmente pela diferença da língua utilizada, da organização social, atividades econômicas, etc.. Contudo, não deve-se deixar de notar que muitas semelhanças persistem, como nas relações de parentesco e em alguns rituais de purificação (FERRARI, 2010; FAZITO, 2000). Os *kalderash* com os quais convivi em campo, por sua vez, falam dos *Calón* ora como “os ciganos que andam a cavalo” ora como os “ciganos brasileiros”, atribuindo a eles a alcunha de ciganos, mas nunca a de *rom*.

Certas vez me contou o Tio Eduardo

Sabe que eu sempre fui muito conquistador
Nós tava lá em Feira de Santana vendendo ferramenta
As mulheres todas da cidade se apaixonaram por mim
Não é não Tia Alice?
(Tia Alice consentiu com a mão)
Mas era coisa de doido
Onde que eu ia elas queriam me beijar
A mulherada tava maluca
Rom é um bicho conquistador
Daí que onde nós tava acampado virou um rebuliço
As mulheres faziam fiiiiila assim pra me beijar
(esticou os braços para demonstrar o tamanho)
Fila assim igual de cinema
Vinha uma me dava um beijo... ela saia mas era já que vinha outra
Mas acontece que tinha um coronel lá na cidade
E o danado descobriu que a mulher dele queria me beijar
A! Me jurou de morte (expressão de susto)
Ele sabia que era um cigano moreno dos olhos claros
Foi ai que a Tia Rosa me comprou uma peruca
E eu passava o dia todo com as perucas no cabelo e com óculos de sol
Ele andando atrás de mim com a espingarda pra lá e pra cá
Tivemos que sair correndo da cidade sabe?!
Até hoje quando chega cigano na cidade ele carrega a espingarda
Atrás dos meus olhos verdes! (risos).

Em outra oportunidade, me contou o Tio João:

Olha essa aqui. (Apontou para a fotografia)
Nós tava lá no Espírito Santo e foi que uma barragem vazou
Mas olha! Levou tudo que tinha no caminho
Nós queria atravessar uma ponte e não tinha ponte mais
Os gadjos estavam lá todos reunidos
Os gadjos estes que estudam
Mandaram nós esperar que eles iam arrumar a ponte
Mas passou meio dia e nada de arrumarem a ponte
Falavam que tinham que fazer os planos...
Mas rom nenhum ia esperar,
Esperar para os gadjos arrumar
Daí que fomos eu e o Ricardo lá e em meia hora derrubamos cinco árvores assim
(mostrou o tamanho com os braços)
Quando os gadjos voltaram com os planos deles a ponte já tava montada (risos).

Podemos citar ainda como exemplo a estória da Tia Valéria

Nós já estávamos há uns três meses por lá vendendo panela
Eu nunca aprendi a dirigir as caminhonetas né
Que é porque eu não alcanço nos pedal (apontou para seu tamanho e riu)
Daí que o Leonardo é meio surdo né
Mas é sempre ele que dirige as caminhoneta
Foi que pararam nós numa blitz
Mas veja só! Sabe que surdo não pode dirigir né
O policial começou a falar com o Leonardo e ele não escutando nada
Pensei: “vão querer prender nós porque surdo não pode dirigir”
Imagina só!
Daí que eu chamei o policial e falei que o Eduardo era estrangeiro
E que não sabia falar o português né
Daí que ele perguntou as coisas pra mim, eu que falava e se safamos da polícia.

O que deve-se frisar neste momento é que como colocado por Gonçalves (2009) nestas narrativas o que ocorre é uma re-elaboração, e não uma total apropriação da imagem engendrada pelo ocidente. Se pensarmos na faceta de “sedutores”, como no caso da estória do Tio Eduardo, por exemplo, ela não é atribuída às “Esmeraldas” ou às “Capitus”. Numa sociedade onde as mulheres são proibidas de relacionar-se com aqueles que se situam fora das fronteiras do grupo, apenas os homens podem ser narrados como galanteadores no mundo *gadjo*. Somando-se à estas considerações, a ideia desenvolvida por Certeau (1994) sobre a prática da “trampolinagem” pode, igualmente, nos ajudar a refletir sobre esta questão. Vejamos. Numa pesquisa consagrada a utilização da língua falada pelos lavradores de Pernambuco sobre a sua situação em 1974, bem como a respeito das gestas de Frei Damião constatou-se a existência de uma estratificação do espaço em dois níveis, quais sejam, de um lado o espaço sócio-econômico organizado a partir da luta entre fortes *versus* fracos, onde os fortes sempre levavam a melhor, e por outro lado o espaço utópico, milagroso, onde a relação de forças se invertia através das histórias de castigos vindo do céu. Estabelecia-se assim outro cenário que com referências celestes e acontecimentos sobrenaturais reintroduziam um lugar para o protesto contra a ordem instituída.

É a este driblar, a estas manobras que instituem no espaço da ordem estabelecida um espaço de resistência que Certeau chama de “trampolinagem”, termo “que um jogo de palavras associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar do trampolim” (1994:79). Os *romanis* - assim como os lavradores de Pernambuco - são sujeitos ativos que utilizam deste saber de tipo “tático”¹⁰.

Vivendo nos limites territoriais de um Estado-nação de que não se consideram parte integrante, sendo desprezados e perseguidos por este mesmo poder instituído, estes sujeitos que vêm sofrendo inúmeros preconceitos devido não viverem *corretamente* segundo os

¹⁰ - Certeau faz uma distinção entre “estratégia” e “tática”. A primeira diz respeito ao “cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto ser capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica pode ser descrita segundo este modelo estratégico.” (CERTEAU, 1994:46). “Tática”, por sua vez, sendo a “arte dos fracos”, refere-se aquelas ações que são determinadas pela ausência de um “próprio”, isto é, de uma território. Agindo por sobre o terreno do *outro*, “que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha” (CERTEAU, 1994:100) seleciona-se fragmentos deste terreno e a partir deles compõe-se histórias originais.

padrões ocidentais - preferem a transumância à fixidez, a oralidade em detrimento da escrita, estabelecendo outra relação com o trabalho e com o dinheiro, buscando a preservação de suas tradições vistas fora das fronteiras do grupo como exóticas – através das estórias de viagens os *kalderash* estabelece um *espaço outro*, não milagroso, mas “fantástico” onde eles sempre são demonstrados como “mais corajosos”, “mais bonitos”, “mais espertos” que os *gadjos*: “Uma formalidade das práticas cotidianas vem à tona nestas histórias, que invertem freqüentemente as relações de força e, como as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória num espaço maravilhoso, utópico” (CERTEAU, 1994:85). Ou seja, os “rom” também utilizam um quadro de referência advindo de um poder externo – no caso a religião dos missionários. Contudo, enquanto uma arte da “trampolinagem”, o *uso* destes “modelos” por parte destas populações modifica-lhes o funcionamento.

Como dito, na obra de García Marquez os “ciganos” da tribo de Melquíades aparecem como aqueles que deixavam a cidade de Macondo envolta pela *alegria*, devido às festas que faziam e às novidades que traziam; contudo, não se deve deixar de notar que no decorrer das páginas aquela descrição perde sua conotação “positiva” e os “ciganos” passam a serem vistos como “enganadores”:

Indignaram-se com as imagens vivas que o prospero comerciante Sr. Bruno Crespi projetava no teatro de bilheterias que imitavam bocas de leão, porque um personagem morto e enterrado num filme, e por cuja desgraça haviam derramado lágrimas de tristeza, reapareceu vivo e transformado em árabe no filme seguinte. O público, que pagava dois centavos para partilhar das vicissitudes dos personagens, não pode suportar aquele logro inaudito e quebrou as poltronas. O alcaide, por insistência do Sr. Bruno Crespi, explicou num decreto que o cinema era uma maquina de ilusão que não merecia os arroubos passionais do publico. Diante da desalentadora explicação, muitos acharam que tinham sido vitimas de um novo e aparatoso negocio de cigano, de modo que optaram por não voltar ao cinema, considerando que já tinham o suficiente com os seus próprios sofrimentos para chorar por infelicidades fingidas de seres imaginários (MARQUEZ, 2003:207, grifo meu).

Nas “estórias de viagens” dos *romas* - como aquela que narra o episódio em que aparece como personagem o cantor Roberto Carlos - o “engano” não é visto em nenhum momento como algo “ruim”, como uma ação de um sujeito que através da “mentira” trai outrem. O engodo aparece antes como uma ação de alguém criativo e esperto que faz de “bobo” o *gadje* que cai na conversa.¹¹

Deste modo, como nos coloca Certeau, jogando e desfazendo o jogo do outro estas práticas “caracterizam a atividade sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um

¹¹ - A questão do “engano” como “ideologia cigana” é trabalhada por Ferrari (2005).

próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que ‘fazer com’” (1994, p. 79).

E de fato fazem. As “estórias de viagens” contadas pelos *kalderash*, narrando as aventuras destes seres “fantásticos”, não apenas fornecem elementos através dos quais tais sujeitos engendram um imaginário a respeito do que é ser *rom*, como operam de uma maneira a instigá-los a *viver* e a *agir* no mundo “estrangeiro” dos *gadjos* da maneira apropriada aos “romanis” que são.

Referência Bibliográfica

- AMADO, Jorge. 1985. *Tocaia Grande: A face obscura*. (Rio de Janeiro: Record).
- ALMEIDA, Manoel Antônio de. 1998. *Memórias de um sargento de milícias*. (São Paulo: Klick Editora).
- ASSIS, Machado de. 1959. *Obras Completas*. (São Paulo: Ed. Brasileira).
- CARDOSO, Vânia Zikán. 2007. “Narrar o mundo: estórias do “povo da rua” e a narração do imprevisível.” em *Mana*, vol.13, n.2, pp. 317-345.
- CARDOSO, Vânia Zikán. 2009. “O Espírito da Performance.” em *Ilha. Revista de Antropologia* (Florianópolis), v. 9, p. 197-213.
- CERTEAU, Michel de. 1994. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. (Petrópolis, RJ: Vozes).
- COLLODI, Carlo. 2002. *As Aventuras de Pinóquio*. Tradução Marina Colasanti. (São Paulo: Companhia das Letrinhas).
- DA MATTA, Roberto. 1973. “Edgar Allan Poe, o ‘Bricoleur’: um exercício de análise simbólica.” In: DA MATTA, R. et al. *Arte e linguagem*. (Petrópolis: Vozes).
- DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. 1997. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 5. (São Paulo: Ed.34) .
- FAZITO, Dimitre. *Transnacionalismo e Etnicidade – a construção simbólica da Romanesthàn (Nação Cigana)*. 2000. 191 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, (Belo Horizonte).
- FERRARI, Florencia. 2010. *O Mundo Passa: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros*. 2010. 336 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, (São Paulo).
- FONSECA, Isabel. 1996. *Enterrem-me em pé: A longa viagem dos ciganos*. (São Paulo: Companhia das Letras).
- MARQUEZ, Gabriel Garcia. 2003. *Cem anos de solidão*. (Rio de Janeiro: Record).

MELO NETO, João Cabral de. 1997. *A educação pela pedra e depois*. (Rio de Janeiro: Nova Fronteira).

MELO NETO, João Cabral de. 1981. *Morte e vida Severina: e outros poemas em voz alta*. 15. ed. (Rio de Janeiro: J. Olympio).

GONÇALVES, M. A. 2009. *Nordeste e Antinordeste: a “experiência nordestina contemporânea” através do Mundo Poético do Cordel*. Trabalho apresentado no VI Laboratório de Análise Simbólica, (Rio de Janeiro).

HUGO, Victor. 1980. *O corcunda de Notre-Dame*. (São Paulo: Abril Cultural).

INGOLD, Tim. 2007. *Lines: a brief history*. (London: Routledge).

ROSA, J. G. 1988. *Grande Sertão: Veredas*. (Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira).

SAID, Edward W. 1990. *O Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. (São Paulo: Companhia das Letras).

SANCHEZ SILVA, Valéria. 2006. *Devir cigano: O encontro cigano-não cigano (rom-gadjé) como elemento facilitador de processo de individuação*. 227 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (São Paulo).

SORIA, Ana Paula C. B. 2008. *Entre a dor de ser “cigano” e o orgulho de ser romà: aproximação à literatura romani e a auto-representação dos romà em duas obras de Jorge Nedich*. 112 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literaturas) - Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, (Brasília).

WOOLF, Virginia. 1978. *Orlando*. 4. ed. (Rio de Janeiro: Nova Fronteira).